REVISTA DA FUNDARTE
Ano 13 – Número 26 – Julho/Dezembro 2013

Reflexões de professoras supervisoras de estágios supervisionados de Música no ambiente hospitalar: desafios e aprendizagens

Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres
maria.rodrigues@metodistadosul.edu.br
Centro Universitário Metodista-IPA
Cláudia Maria Freitas Leal
claudia.leal@metodistadosul.edu.br
Centro Universitário Metodista-IPA

Resumo: Nos limites desta comunicação apresentamos um relato de experiência como professoras supervisoras de estágio com dois grupos de alunos de um Curso de Licenciatura em Música durante os dois semestres de 2011. Esta atividade foi desenvolvida no primeiro e segundo semestres com dois grupos de alunos. O embasamento teórico está apoiado nas pesquisas de Matos e Mugiatti (2006), Caldeira e Fonterrada (2006), Flusser (2011), Ferreira, Remedi e Lima (2006), Leão e Flusser (2008), Louro, Alonso e Andrade (2006) e Moreira (2006), Silva Junior (2012), Bergold e Alvim (2009), dentre outros. Os primeiros estranhamentos ao ambiente surgiram já no encaminhamento da documentação necessária que exige vacinas e declarações de saúde no lugar dos tradicionais documentos exigidos pelas secretarias de educação. Neste momento, os alunos passam a se inserir como educadores musicais que atuarão em um contexto de saúde, fazendo educação musical. Os grupos foram delineando seus perfis no planejamento das atividades de acordo com vários aspectos como: os instrumentos musicais que cada um tocava, o repertório musical que foi sendo organizado e estudado para os encontros, quem preferia tocar percussão, quem cantava, quais jogos e brincadeiras musicais levar, quem conhecia as letras das músicas pedidas pelos pacientes. Entre as questões presentes ao longo do estágio tivemos a improvisação como uma necessidade e a dúvida que acompanhou alguns alunos durante as práticas de educação musical, qual seja: tocar ou cantar para diferentes de crianças a cada dia constitui um trabalho de educação musical?

Palavras-chave: estágio supervisionado; hospital; Educação Musical.

Abstract: Within the limits of this communication, we present a report on the experience of teachers working as internship supervisors of two groups of students from a Music Teaching Graduation Course during the two semesters of 2011. This activity has been developed on both semesters with two groups of students. The theoretical basis are the studies performed by Matos and Mugiatti (2006), Caldeira and Fonterrada (2006), Flusser (2011), Ferreira, Remedi and Lima (2006), Leão and Flusser (2008), Louro, Alonso and Andrade (2006) and Moreira (2006), Silva Junior (2012), Bergold and Alvim (2009), amongst others. The first oddities appeared when the interns prepared the needed documentation, which included immunization and health declarations as opposed to the documents usually requested by the departments of education. At that moment, the students began to insert themselves as music educators acting in a health-related environment, making musical education. The groups began to outline their profiles in the planning of activities according to several aspects, such as: the instruments each one could play, the musical repertoire organized and studied for the encounters, who preferred to play percussion and who sang, which games and musical activities they would bring, who knew the lyrics of the songs requested by the patients. Among the questions presented throughout the internship we found that improvisation was a necessity and the doubt that accompanied some students during the musical education practices was: does playing or singing to different children every day consist on musical education?

Keywords: supervised internship; hospital; Musical Education.

Música e Saúde: alguns diálogos

As práticas musicais realizadas em ambientes hospitalares e da saúde já fazem parte dos hospitais públicos, enfermarias, serviços de oncologia, salas de espera de quimioterapia, clínicas psiquiátricas, dentre tantos outros, desde as últimas décadas do século XX e início do século XXI. Esta realidade abre diferentes possibilidades de aprendizagens e trabalho para educadores musicais.

Na matriz curricular do Curso de Licenciatura em Música, do Centro Universitário Metodista IPA, está estabelecida a realização de um estágio supervisionado em que os alunos têm a oportunidade de estagiar em espaços não escolares. Nesse estágio, o hospital se torna cenário de práticas musicais para educadores musicais em formação. Dessa maneira, trazemos neste artigo alguns fragmentos de relatos de experiências, reflexões, aprendizagens e desafios presentes na orientação destes grupos de estagiários.

A respeito desta temática, destacamos um excerto do artigo de Silva Junior (2012), intitulado “Música e Saúde: a humanização hospitalar como objetivo da educação musical’, no qual o autor lembra que:

> O uso da música no campo da saúde não tem sido somente uma prática de musicoterapeutas. Outros profissionais da saúde utilizam a música como mais um recurso em suas práticas profissionais. Há ainda os músicos profissionais ou amadores que realizam apresentações musicais nos hospitais. Os educadores musicais também atuam no hospital, com o objetivo de ensinar música ou como forma de promover a melhoria da qualidade de vida do paciente internado, ou seja, a humanização no ambiente hospitalar (2012, p.172).

Nessa perspectiva, sabemos da complexidade em compartilhar aspectos da experiência musical dos estagiários de Licenciatura em Música sem adentrarmos em áreas que são específicas da saúde. Desta feita, esse objetivo nos desafia enquanto supervisoras de estágios do Curso de Música – Licenciatura para registrar e buscar referenciais que nos apóie nos diálogos e ampliarmos, como professoras formadoras de um Curso de Licenciatura em Música, os nossos saberes e fazeres musicais e de nossos estudantes estagiários.

As primeiras experiências de estágios supervisionados de educação musical em contexto hospitalar, no Centro Universitário Metodista do IPA, iniciaram no segundo semestre de 2008, em continuidade à iniciativa do Curso de Pedagogia da mesma instituição que, desde 200, realizava regularmente, estágios supervisionados de suas estudantes em ambientes hospitalares.

Essas iniciativas seguiram a missão inclusiva prevista no Plano de Desenvolvimento Institucional, expressa no texto do Projeto Político Pedagógico do Curso de Música - Licenciatura quando afirma que:

> Produzir, desenvolver, divulgar e preservar ciência, tecnologia e cultura visando ao desenvolvimento da consciência crítica e ao compromisso da transformação da sociedade segundo os princípios metodistas, fortalecendo os laços comunitários, expandindo a educação nas áreas desfavorecidas através de ações que promovam a vida (2001, p.17).

A busca da promoção de aprendizagens que promovam a vida como uma possibilidade de expansão do universo artístico das crianças impulsionou o curso a investir esforços na realização de estágios supervisionados nestes espaços. Após as tratativas com a direção de uma Instituição Hospitalar Pública, na cidade de Porto Alegre – RS, foi apresentada a uma grupo de 25 alunos, formando a possibilidade de realização deste estágio. Desse grupo, seis manifestaram interesse em realizá-lo.

Os primeiros estranhamentos ao ambiente hospitalar surgiram já no momento do encaminhamento da documentação necessária para os estagiários, que exige vacinas e declarações de saúde no lugar dos tradicionais documentos e cartas exigidas pelas Secretarias de Educação. A partir do cumprimento desta etapa, os alunos passam a se inserir como educadores musicais que atuarão em um contexto de saúde, fazendo atividades de educação musical.

Dentre os outros desafios que emergiram durante as reuniões de orientação e encontros com os grupos de estagiários, esteve sempre presente o fato de estarem estagiando em enfermarias infantis e, assim sendo, de se depararem com crianças e jovens com doenças. A curiosidade e receio dos estagiários em relação às diferentes reações que as crianças e jovens poderiam ter em relação às praticas musicais que seriam propostas os desafiavam a conhecer outros encaminhamentos de educação

musical, diferente aos que para eles eram comuns, quando atuavam nas salas de aula das escolas.

Nos debates e discussões, percebemos que este aspecto estava diretamente ligado ao binômio *doença e saúde* e às concepções de educação que norteiam a atuação de professores e educadores musicais nestes espaços.

O grupo enfrentava com curiosidade o fato de este contexto de educação não possuir classes, salas de aula, turmas, séries, conteúdos definidos previamente por uma equipe pedagógica, mas sim, leitos, quartos, salas de recreação salas de espera de quimioterapia e a indefinição de quais crianças estariam disponíveis para as práticas de educação musical e qual o seu estado físico naquele dia e hora. Ao mesmo tempo, o Hospital, considerado referência na área, possuía espaços qualificados, tais como uma sala de recreação em cada andar, praça aberta com brinquedos em um dos andares e a disponibilidade em acolher e interagir com esta proposta de educação musical, de uma equipe multidisciplinar do hospital, composta por enfermeiras, médicos, terapeutas ocupacionais psicólogas e outros funcionários. A partir destas características diferenciadas do contexto hospitalar, trazemos como reflexão as perguntas pospostas por Flusser (2011) quando fala do ambiente hospitalar como "espaços para a invenção de uma nova música" (p.3). O autor pergunta: "Quem, além de uma pessoa hospitalizada, poderia passear-se numa "bolha sonora" sentada numa cadeira de rodas? Quem, além de uma pessoa hospitalizada, poderia ouvir os sons delicados de gotas de quatro pistolas de injeção "afinadas"? (2011, p.3). Ele prossegue em suas reflexões constatando que "O hospital é também lugar de música, de descoberta, de espanto". Compartilhamos destas ideias e estimulamos os estagiários de música para, neste espaço, desenvolverem suas propostas de Educação Musical, na perspectiva de inovarem e criarem outros modos de educar musicalmente.

Foi neste cenário que os alunos passaram a questionar o que significaria educação musical naquele contexto com a expectativa de terem algumas respostas durante a prática de educação musical.

Reflexões a partir da perspectiva das professoras supervisoras

Desde a primeira turma que iniciou o estágio supervisionado no ambiente hospitalar, temos tido turmas em quase todos os semestres letivos atuando nestes espaços, o que tem sido uma oportunidade de ampliarmos nossas leituras por um referencial da área, organizarmos e socializarmos algum trabalho (TORRES e LEAL, 2012), e acima de tudo aprendermos com nossos alunos e com as demandas de cada criança e jovem nos corredores, leitos e sala de recreação e de espera.

Destacamos que existem peculiaridades deste espaço, tais como a presença constante do professor supervisor de estágio, por exigência do hospital, em todas as práticas. O estágio acontece em dois ou três dias por semana, sempre em grupos e com pelo menos duas supervisoras, pois assim elas participam com o grupo todo e fazem um rodízio de supervisão no local. A presença constante do supervisor certamente suscita em nós, supervisoras, questionamentos tais como estar sempre presente e acompanhando os alunos e, ao mesmo tempo, estimular a autonomia dos estagiários e apontar as cenas e situações de educação musical que acontecem no decorrer das atividades musicais.

A partir das necessidades e dinâmica do local, criamos outros mecanismos que, além desses já citados, ficou estabelecida uma rotina de fazermos uma reunião ao final de cada prática na sala para guarda de materiais e troca de roupa. Nesse momento, conversamos sobre as questões que emergiram na prática, fazemos uma avaliação do dia, aspectos que chamaram a atenção, desafios que surgiram e combinamos quais serão os encaminhamentos para o próximo encontro.

Essa foi a maneira que optamos por organizar as orientações que acontecem, uma parte no próprio hospital após os encontros, e também em reuniões individuais e coletivas com os orientandos e suas orientadoras. A orientação, neste formato, possibilitou a realização de reuniões coletivas, individuais, leituras e os planejamentos iniciais.

Na revisão de literatura, encontramos trabalhos como os de Matos e Mugiatti (2006), Caldeira e Fonterrada (2006), Louro, Alonso e Andrade (2006) e Moreira (2006), que demonstram esforços dos educadores e dos profissionais da saúde em

permitir que a criança hospitalizada não seja privada do desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e intelectuais durante uma internação.

Dentre os autores da área da educação musical que trabalham no ambiente hospitalar, podemos citar as pesquisas de Lima, Linhares e Maximiano (2010), cujo projeto está voltado para a educação musical no processo de humanização no hospital e a pesquisa de Silva Junior (2012). Essa pesquisa teve como foco a "Música como estratégia de Humanização no Hospital Júlio Alves de Lira (e) foi elaborada por docentes e discentes do Curso de Licenciatura em Música e Técnico em Enfermagem do Instituto Federal de Pernambuco – Campus Belo Jardim" (p.174).

Dentre estas leituras sugeridas para discussão, ressaltamos a abordagem de Matos e Mugiatti (2006), na obra intitulada *Pedagogia Hospitalar,* e a proposta de trabalho envolvendo equipes multi-inter e transdicisplinares, em que nós nos inserimos ao realizarmos estes estágios*,* e nas quais as autoras enfatizam que:

> A multidisciplinaridade corresponde aos diversos saberes conferidos em ambiente hospitalar, como sensível resposta á promoção da vida com a saúde, para onde convergem as diversas ciências em prol da vida com mais qualidade. [...] A interdisciplinaridade, por sua vez, assenta-se na integração e na inter-relação de profissionais inseridos em contexto hospitalar (2006, p.30).

Um outro autor que nos auxiliou nestas reflexões foi Flusser (2011), que propõe um olhar para o hospital, a partir de sua prática, como um espaço de cultura, a música como um fato social e que estabelece uma comunicação intersubjetiva, exclusivamente musical, em uma relação dialógica, em um processo de enriquecimento artístico, em coerência com as políticas do projeto da instituição de saúde (p.3-4).

Quanto ao aspecto das observações neste espaço, é importante destacar que as horas de observação, que tradicionalmente antecedem à prática nos ambientes escolares, no contexto hospitalar elas são condensadas e mescladas com a prática musical que se inicia logo após a primeira visita. Essa acontece para que os estagiários possam conhecer os espaços, os responsáveis pelas equipes, as normas do hospital e, também, a combinação quanto aos horários para desenvolverem as práticas musicais.

Nesta visita as supervisoras orientam os alunos sobre o olhar do educador musical neste ambiente e compartilham com as educadoras musicais Morato e Gonçalves (2006) que ressaltam que “quando se fala em observação pensa-se, na maioria das vezes, em algo ao alcance dos olhos. Percebe-se que o ver e o olhar têm função muito importante na apreensão e conhecimento do mundo em que vivemos” (p.119). Dessa maneira, incentivamos os alunos a perceberem e investigarem os aspectos musicais e de educação e não os aspectos de saúde das crianças e jovens internados.

Questionamentos dos estagiários: isto é educação musical?

Retomamos ao título deste artigo e destacamos que foram muitas as aprendizagens e os desafios para nós professoras e para nossos alunos no decorrer de um período de estágios no Hospital. Trazemos alguns questionamentos que acompanham as práticas e as discussões, tais como “fazer música nos corredores e nos quartos: isto é educação musical?” ou “estamos trabalhando com música ou com musicoterapia?”. A cada semestre os grupos diferem quanto ao número de integrantes e se organizavam à sua maneira nos espaços das enfermarias do SUS deste Hospital Infantil Público de Porto Alegre, para que realizassem suas práticas musicais coletivas. Um aspecto comum, nos primeiros dias no estágio, foi os alunos permanecerem num único grupo percorrendo os corredores, sala de recreação, enfermarias ou sala de espera dos ambulatórios deste hospital, no sentido de se ajudarem e se acostumarem com o ambiente.

Á medida que os olhares dos estagiários pudessem perceber situações específicas de atuação junto a determinadas crianças, começavam a se reorganizar em grupos menores ou individualmente, de acordo com suas experiências musicais e surgiam novas práticas, decorrentes das demandas das crianças e jovens. Alguns alunos preferiam ficar atuando sempre em duplas ou no grupo.

Esta rotina criou o desafio de pensarmos e fazermos do espaço do hospital um espaço de educação musical. Nos seus corredores coloridos, o hospital não possui um local fixo para cantar, tocar, dançar ou bater palmas. Há um fazer musical itinerante que transformava os quartos, alterando as fronteiras entre o som e o

silêncio, que invadia os corredores e salas e reconfigurava os modos de fazer educação musical.

Um dos aspectos recorrentes durante toda a fase de planejamento dos encontros foi o pedido para que os alunos se reunissem e preparassem um repertório, geralmente de músicas infantis, para cantar nos corredores e trabalhar com as crianças e jovens. Na maioria das vezes, eles se deparavam com os pedidos das crianças e das mães, pais e acompanhantes, com o desejo de ouvirem e cantarem músicas divulgadas pelas mídias e que, em muitos casos, eram desconhecidas pelo grupo. Esta realidade levou o grupo de alunos a aprender músicas de um dia para o outro, a marcar encontros extras com os colegas para ensaios do repertório mais pedido pelas crianças, jovens e pais e acompanhantes, assim como a buscarem uma tonalidade mais conveniente para a extensão vocal.

Dessa maneira, emergia mais uma temática fundamental para as práticas pedagógico-musicais, que era a seleção do repertório musical e a ampliação do mesmo, em um processo rápido e que engloba aspectos de ecletismo quanto aos estilos, grupos e bandas escolhidas.

Nessa perspectiva, nos inspiramos na experiência e nas colocações do grupo de profissionais da Associação Portuguesa Música nos Hospitais e Instituições de Solidariedade, quando afirmam que este trabalho é definido como “um acto musical autêntico e uma atitude de escuta; uma música partilhada e um ambiente sonoro enriquecido; uma estreita interacção entre os músicos, os doentes, as famílias e as equipas hospitalares” (2012, p.1, http://www.musicanoshospitais.pt/about/o-que-e). Era um ir e vir constante de melodias, acordes, pratos percutidos, vozes infantis e refrões.

No sentido de complementarmos as reflexões a respeito de quais músicas selecionar para compor estes repertórios, ressaltamos a questão da organização do repertório com as reflexões de Silva Junior (2012) quando pontua que “essa dificuldade inicial do paciente em revelar suas preferências musicais pode ser a motivação para que os músicos e profissionais da saúde escolherem o repertório, levando para o ambiente hospitalar as músicas que acreditam serem benéficas para os pacientes” (2012, p.177).

Os grupos foram delineando seus perfis no planejamento das atividades, de acordo com vários aspectos como: a proximidade com os instrumentos musicais que cada um tocava, o repertório musical que foi sendo organizado e estudado para os encontros, a organização de quem preferia tocar percussão, quem cantava, quais jogos e brincadeiras musicais levar, quem conhecia as letras das músicas pedidas pelos pacientes e quem traria novas canções.

De acordo com o relato de um dos estagiários que realizou esta etapa no primeiro semestre de 2011

> Um dos pontos mais relevantes para o trabalho de educação musical em ambientes hospitalares, [é] a importância de saber lidar com o improviso, quando o educador permite-se estar desperto as possibilidades que surgem a medida de sua atuação, trocando muitas vezes o "não", por um contorno que permita conduzir cada situação a um objetivo educacional (Müller, 2011, p.42-43).

Chamamos a atenção ainda para uma outra questão presente ao longo do estágio, que foi a dúvida que acompanhou alguns alunos durante as práticas de educação musical, qual seja: tocar ou cantar para diferentes crianças a cada dia, para grupos que mudam e se reconfiguram a cada encontro constitui um trabalho de educação musical?

Reflexões finais

Esta e outras perguntas que emergiram no decorrer dos encontros no hospital e nas reuniões de orientação podem estar relacionadas ao fato de que neste espaço hospitalar os grupos de crianças não são fixos, mas sim rotativos e organizados de acordo com o estado de saúde e período de internação de cada um, assim como o desejo de participarem ou não das atividades musicais que muitas vezes são interrompidas por exames e outros procedimentos médicos necessários.

Outro fator que pode ter gerado a inquietação, ou a sensação de não se estar fazendo educação musical no hospital, foi certamente a presença dos modelos de tempo e espaço da escola, muito distintas no contexto hospitalar. Lá não existem aulas com tempo determinado, recreio em horários estabelecidos e outras rotinas que marcam o cotidiano da escola. O fazer musical pode acontecer nos corredores e em muitas portas de quartos, assim como ter uma série de "pedidos musicais" especiais.

Ao mesmo tempo em que percebemos estas diferenças entre tempos e espaços da escola e do hospital, na nossa visão de supervisoras de estágios identificamos algumas semelhanças nas práticas da educação musical realizadas nestes dois contextos. Destacamos, entre elas, a questão da escolha e negociação do repertório com os alunos, a partir de músicas do cotidiano deles (Souza, 2000), a presença da música nas aulas de música que frequentam nas escolas e em projetos sociais, a presença da improvisação no planejamento das práticas musicais, e o destaque para as articulações destas práticas no hospital com o cotidiano musical destas crianças e jovens, como as músicas ligadas aos rituais religiosos, às canções que ouvem e cantam com os amigos, as melodias que escutam em família, as músicas de seus ídolos e bandas prediletas.

Antes de encerrarmos este relato, gostaríamos de apontar alguns desdobramentos e ampliações desta atuação musical dos alunos do Curso de Música em ambientes hospitalares, como a organização de apresentações musicais por grupos musicais de diferentes estilos: *choro* ou *samba,* por exemplo, no pátio do hospital ao final de um evento ou a organização de um projeto multidisciplinar institucional com cursos da área da Sáude, para a implementação de uma agenda mensal de apresentações de diferentes grupos musicais nos espaços deste hospital.

Desta forma, finalizamos este relato de experiência neste momento de implementação e discussão da Lei 11.769/2008, com uma movimentação por parte dos cursos de Licenciaturas, ABEM e outras entidades no sentido de pensarmos estratégias e cursos de formação continuada, oferecer possibilidades e trazer subsídios para o trabalho dos educadores musicais e os espaços de atuação, cada vez mais amplos e diversificados.

Este assunto não se esgota neste relato e continuamos com o desejo de ampliarmos nossas práticas e desafios como professoras supervisoras de estágios e, a guisa de conclusão, nos questionamos se há um modelo e local único para a prática da educação musical ou se serão construídos, a partir da realidade e das demandas de cada grupo e local, um exercício de escutas e olhares múltiplos.

Referências

APMH: Associação Portuguesa Música nos Hospitais. Disponível em <http://www.musicanoshospitais.pt/about/o-que-e> Acesso 31/03/2012.

FLUSSER, Victor. Música no Hospital. *Revista Ciências em Saúde*, v.1, n.2, jul, 2011.

LOURO, Viviane dos Santos, ALONSO, Luis Garcia, ANDRADE, Alex Ferreira de. *Educação musical e deficiência*: propostas pedagógicas. São José dos Campos, SP: Ed. Do Autor, 2006.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira, MUGIATTI. Margarida Maria Teixeira de Freitas. *Pedagogia Hospitalar*: a humanização integrando educação e saúde. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
GONÇALVES, Lilia.

MORATO, Cintia, GONÇALVES, Lilian Neves. Observar a prática pedagógico-musical é mãos do que ver. In: MATEIRO, Teresa, SOUZA, Jusamara (Org.) *Práticas de ensinar música*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

MUELLER, Fernando. *Educação Musical no Hospital da Criança*: Relatório de Conclusão de Curso de Música. Centro Universitário Metodista – IPA, Porto Alegre, 2011.

SILVA JUNIOR, Joé Davison da. Música e Saúde: a humanização hospitalar como objetivo da educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 29, p.171-183, jul-dez, 2012.

TORRES, Maria Cecília de Araujo Rodrigues; LEAL, Claudia Maria de Freitas. Estágio Supervisionado no hospital: aprendizagens e desafios de alunos e professoras. In: XV ENCONTRO REGIONAL ABEM SUL, 2012, *Anais...Montenegro*: Abem, 2012